



TRICOLOR

N.º 55

CR. \$ 5,00





Do antigo Egito ao Império do Ocidente!

Segundo a lenda, há 4.000 anos, Isis, deusa do antigo Egito, confiou aos homens o segredo da cerveja. Depois, a fórmula sagrada foi ter a bela terra dos helenos. E quando os romanos recolheram os despojos do Império de Alexandre, com a cultura grega receberam também o segredo maravilhoso dessa bebida. E o difundiram por todo o Império Romano. Tão boa era a cerveja, que o seu uso se tornou comum a todas as nações. E hoje mais do que nunca todos a preferem. E ainda mais: a cerveja tornou-se uma fonte imensa de saúde e riqueza... símbolo, para nós, de um sadio nacionalismo econômico, porque em torno de sua produção gravitam os mais altos interesses da economia brasileira. Outrossim, correspon-

de a cerveja ao sentido elevado do Poder Público que é o de estimular as nossas fontes de riquezas, aumentando a produção e o consumo de produtos nacionais adequados não só ao gosto e à preferência, mas à saúde e ao bem estar dos brasileiros, e, sobretudo, re- tendo dentro das nossas fronteiras uma riqueza que daqui não sai para enriquecer outros países em prejuízo da economia nacional



Exigir ANTARCTICA
é engrandecer o Brasil!



ANTARCTICA

TRICOLOR

Órgão de São Paulo Futebol Clube,
sob os auspícios dos Departamentos
Social e de Propaganda.

DIREÇÃO:

JULIO BRISOLA

REDATOR-SECRETÁRIO:

M. DE MOURA CAVALCANTI

NÚMERO AVULSO ... \$ 5,00

ASSINATURA ANUAL \$ 50,00

ENDERECO:

Av. Ipiranga, 1267 - 13.º andar

CAIXA POSTAL, 1.901

TELEFONE: 34-8167

N.º 55 — JUNHO — 1957

CAPAS

PRIMEIRA:

Paulo, seguro goleiro de nossa equipe profissional. Esta homenagem é um eco de sua convocação para o Selecionado Brasileiro, onde, parece, tem sua posição assegurada. Em nossa seção Craques na Berlinda, sua biografia.

ÚLTIMA:

O time que deu grande satisfação à torcida tricolor, vencendo o Corinthians Paulista por 3 a 2, na memorável noite do dia 25 de junho, dentro da Copa São Paulo.

O TRICOLOR, EM RECIFE

Escreveu MOURA CAVALCANTI

Em fins de maio, viajou o S. Paulo a Pernambuco. Foi realizar, ali, três partidas de futebol com os clubes mais categorizados da Veneza Brasileira.

Recife é sempre uma atração para as gentes do Sul. Parece até um pedacinho de cá trasladado para as regiões quentes do Nordeste. É uma cidade que vibra, ao ritmo de um parque industrial respeitável, e seu povo, inteligente, vivaz e trabalhador, nada tem a perder diante, por exemplo, do paulista, do paranaense, fazendo daquele Estado, cognominado o Leão do Norte, o líder indiscutível do resto do Brasil, para cima da Terra de Ruy.

Recife é, sobretudo, uma surpresa agradável para seus visitantes. Não só para os que o conhecem pela primeira vez, mas também para os que repetem suas visitas, dado o progresso incoercível de seu comércio. O seu afã de crescer em todos os sentidos; para o alto, nos arranhacéus soberbos, e para os lados, na edificação de novas vilas e bairros, operários ou aristocráticos, especialmente, na prosperidade de seus habitantes, no luxo de suas lojas, no volume de suas transações, no movimento enorme de seu pôrto, um dos mais freqüentados do Brasil.

Recife é, assim, um deslumbramento, com suas ilhas bonitas, aconchegadas no abraço das pontes, com seus rios claros, limpos, verdadeiro sistema arterial, por onde corre o sangue de uma gente brava e extremamente simpática.

Mais uma vez, voltou nossa delegação esportiva encantada com Recife. Recepcionada fidalgamente pelos esportistas locais, não houve qualquer solução de continuidade na cornucópia das gentilezas aos nossos, durante todos os dias ali vividos e bem vividos.

Bem haja o Esporte, que continua, através dos Continentes e das Idades, a fazer amigos...

E, quando a terra é a mesma e mesma é a geração, o milagre é o do mais firme estreitamento de uma suave e edificante confraternização...

S. Paulo e Recife, duas cidades irmãs, parecidas que só elas, embora Piratininga seja o portento maior do exuberante progresso do Sul.

São Paulo x Santa Cruz ~ 1 a 1

São Paulo x Santa Cruz - 1 a 1

Três partidas de futebol disputou nosso clube, em Recife, nos dias 26, 29 e 30 de maio p. passado.

O tempo, ali, estava horrível, tendo mesmo prejudicado o andamento do primeiro jogo entre o São Paulo e o Santa Cruz. A partida foi, até, interrompida aos 39m. da etapa final.

Em cancha encharcada, as equipes não puderam "dar tudo", não conseguiram render o máximo, e o resultado foi um empate pelo contagem mínima, placarde que o Jornal do Comércio, em manchete, julgou justo e o melhor para ambos os contendores.

O São Paulo, embora enxertado com dois ótimos elementos do XV de Piracicaba, Geraldo e Guerra, mas desfalcado de titulares, como Gino, Maurinho, Dino e Alfredo, não podia mesmo, diga-se a verdade, mostrar seu grandioso futebol. O sentido de conjunto de uma equipe é

tudo para seu rendimento. Esporadicamente, pode fazer "figura"; mas o natural é que sofra as consequências da improvisação.

O Santa Cruz é um grande time. Joga com desassombro, tem fibra para dar e vender, e fôlego invulgar.

E o futebol do Norte não é brincadeira, não... Vai progredindo a olhos vistos, e, vamos dizer uma coisa: que o Sul tenha cuidado, senão "a palmatória vai descer", e sem muita demora.

Nossa equipe: Waldemar, De Sordi e Mauro; Geraldo, Victor e Sarará; Silvio, Guerra, Baltazar (Catara), Maneca e Canhotoiro. Este foi o autor do goal bandeirante.

Equipe do Santa Cruz: Mauro; Palito e Job; Claudionor, Aldemar e Edinho; Jorge de Castro, Rudimar, Marinho, Lauzoninho e Zeca (Jorginho). Árbitro, Vicente Lobão.

S. Paulo x Clube Náutico Capibaribe - 0 a 0

A segunda partida se feriu no dia 29, no Estádio Eládio de Barros Carvalho, cujos reflectores foram inaugurados, numa festa de gala, a que compareceram autoridades civis e militares, muito povo, estando presente, numa nota de fidalguia e encantamento, a senhorita Zaira Pimentel, Miss Pernambuco, delegada da beleza local ao concurso Miss Brasil de 57.

O jogo foi bom. As equipes se empenharam com muito valor, correspondendo, plenamente, à expectativa da imensa

multidão, que vibrava, sacudindo o bonito estádio dos Aflitos.

O placarde não se movimentou, demonstrando a segurança das duas defesas que anularam todo o arroubo dos avantes.

E o povo saiu satisfeito. Não viu goals, mas viu futebol e do melhor. Antes assim.

Nossa equipe: Waldemar, Clélio e Mauro; Olavo, Ademar, Geraldo; Silvio, Guerra (Paraíba), Baltazar (Catara), Dino e Canhotoiro.

COOPERE COM TRICOLOR,

ANUNCIANDO EM SUAS PÁGINAS

S. Paulo x Combinado Santa Cruz e Náutico - 0 a 1

A Crônica recifense não estava contente com as partidas anteriores, porque queria ver um São Paulo goleador, um São Paulo diferente, ao toque mágico de uma varinha de condão, manejada cabalisticamente por Bela Guttmann, cujo cartaz já ecoara por ali..

O fenômeno é o mesmo, lá, como aqui: chegou o homem, tomou o leme da equipe tricolor, fêz uns treinos, deu os primeiros retoques na linha avançada, aperfeiçoou um pouco a defesa, especialmente no sentido da marcação, e já se quer o milagre de um conjunto perfeito, de um "rô.o compressor", irresistível e sempre vitorioso. Mas não pode ser assim. Os outros times também querem vencer, também progridem e sabem tirar conclusões, sabem observar as "chaves" novas, para as inutilizarem com os recursos que lhes parecerem melhores, no momento.

Foi o que se deu, no jôgo em aprêço. O combinado soube enfrentar, de igual para igual, o time tricolor, e o resultado foi que terminou suplantando-o pela contagem mínima. Foi justo o placarde.

O povo gostou da vitória dos seus rapazes, e a Crônica, que não torce, mas vê e critica, ficou meio decepcionada com os visitantes. Gostaria de ver algo diferente, de extraordinário, de espetacular e inédito no Tricolor. Desta feita, porém, não foi possível. Logo, lá voltaremos, e mostraremos "com quantos paus se faz uma cangalha"...

O "carpina" está trabalhando. Isto não é uma ameaça, mas uma promessa, no melhor sentido esportivo, pois só nos será prazer voltar a Recife, ao seio daquela gente boa e hospitaleira, levando a suas canchas uma equipe remodelada, que satisfaça plenamente aos seus anseios de um melhor futebol.

A equipe tricolor: Waldemar; Clélio e Mauro (Riberto); Olavo (Ademar), Victor, Geraldo, Silvio, Guerra (Paraíba), Gino, Dino (Maneca), Canhotoiro.

O time do Combinado: Aníbal; Caiçara e Job; Claudionor, Aldemar, Nenzinho. Jorge, Rudimar, Benitez (Ivson), Rubinho (Elias), Douglas (Jorginho).

LUIZ HUGO LEWGOY

Representações.

CAPAS DE CHUVA para homens, senhoras e crianças - "RAINCOAT"

MEIAS PARA SENHORAS "Braga & Irmãos",

MEIAS PARA HOMENS "Settler"

GRAVATAS DE SEDA PURA "Scotty"

Gravatas e cachecois de lã "Les Charpes de Paris" - Roupas Esportivas e de passeio para homens, "M O B A R T E X"

São Paulo - Rua Barão de Itapetininga, 237 - 6.º - Salas K e L

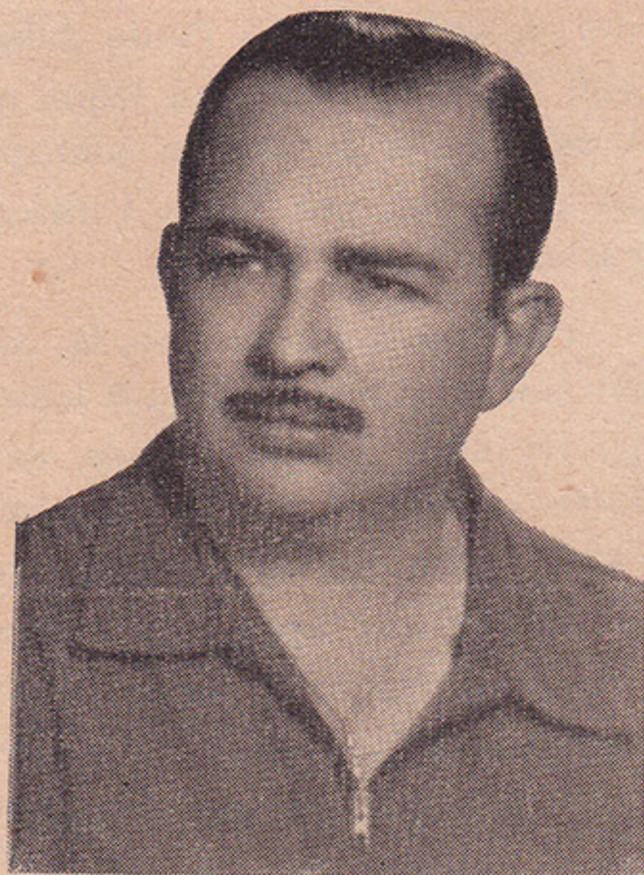
F O N E S : 3 6 - 1 2 2 1 e 3 6 - 7 0 7 3

O Esportista

Adamir Menezes

e a fidalguia pernambucana

Por Rebello Poletti



Não existem dúvidas de que, realmente, o esporte faz amigos, e foi justamente o que aconteceu na encantadora RECIFE, por ocasião da recente excursão que o glorioso São Paulo fêz àquela Capital, onde teve a oportunidade de travar relações de amizade com o emérito esportista patricio, ADAMIR MENEZES.

ADAMIR, pelo seu espírito generoso e pela dedicação irrestrita aos seus compatriotas do Sul, conseguiu, nos poucos dias de nossa permanência naquela localidade, conquistar o coração não só de nossos futebolistas, mas também de todos os dirigentes da luzidia delegação bandeirante.

Desde os primeiros instantes em que nos alojamos no esplêndido "Hotel Guararapes", até a nossa saudosa despedida, fomos, sempre, alvo da cortesia, do amparo e de inúmeras gentilezas por parte de ADAMIR MENEZES, lídi-

mo representante dos desvelados desportistas daquela terra. Nem um só instante, deixou êle de nos homenagear, quer com passeios deveras pitorescos, quer com o carinho tão peculiar do povo nordestino.

Fêz de sua magnífica residência, ao lado de sua esposa e diletos filhos, um recanto são-paulino.

Orientou-nos em todos os sentidos, prestigiou-nos, durante uma semana inteira.

Mostrou-nos a encantadora Olinda, com tôdas as suas reminiscências históricas, dando-nos o conhecimento de muita coisa que, até então, ignorávamos.

Abandonou, por inúmeras vêzes, o aconchêgo do lar, para colocar-se à disposição da nossa delegação, mostrando-nos a sua Capital, êsse magnífico e soberto pôrto natural, situado para dentro de uma linha de recifes, que lhe empresta o nome, numa extensão de alguns quilômetros.

Recife, com seus longos canais, formados pelos rios Beberibe e Capibaribe e atravessada por belas pontes artisticamente construídas; Recife, com um clima salubre, embora quente, mas bem ventilada pela brisa oceânica que lhe chega do alto mar, é merecidamente chamada "Veneza Brasileira".

Recife, com as suas indústrias, com seus belos edifícios públicos, a tradicional Faculdade de Direito, Liceu de Arte e Ofícios, Museu, Bibliotecas especializadas, Instituto Arqueológico e Geográfico, modernos hospitais e costumes tipicamente brasileiros, bem demonstra, o grau de cultura dos nossos irmãos pernambucanos.

Proporcionou-nos Adamir passeios de inesperadas surpresas, de sabores exóticos, esquisitos, como os não menos esquisitos e exóticos sabores dos pratos e frutos da terra pernambucana.

A beleza de RECIFE é sempre surpreendente e satisfaz à mais arrojada imaginação.

Percorremos, assim, boquiabertos e curiosos, quase tôda a Capital. Contornamos as suas intermináveis costas, onde os coqueiros, beirando o mar, são lambidos pelas ondas glaucas.

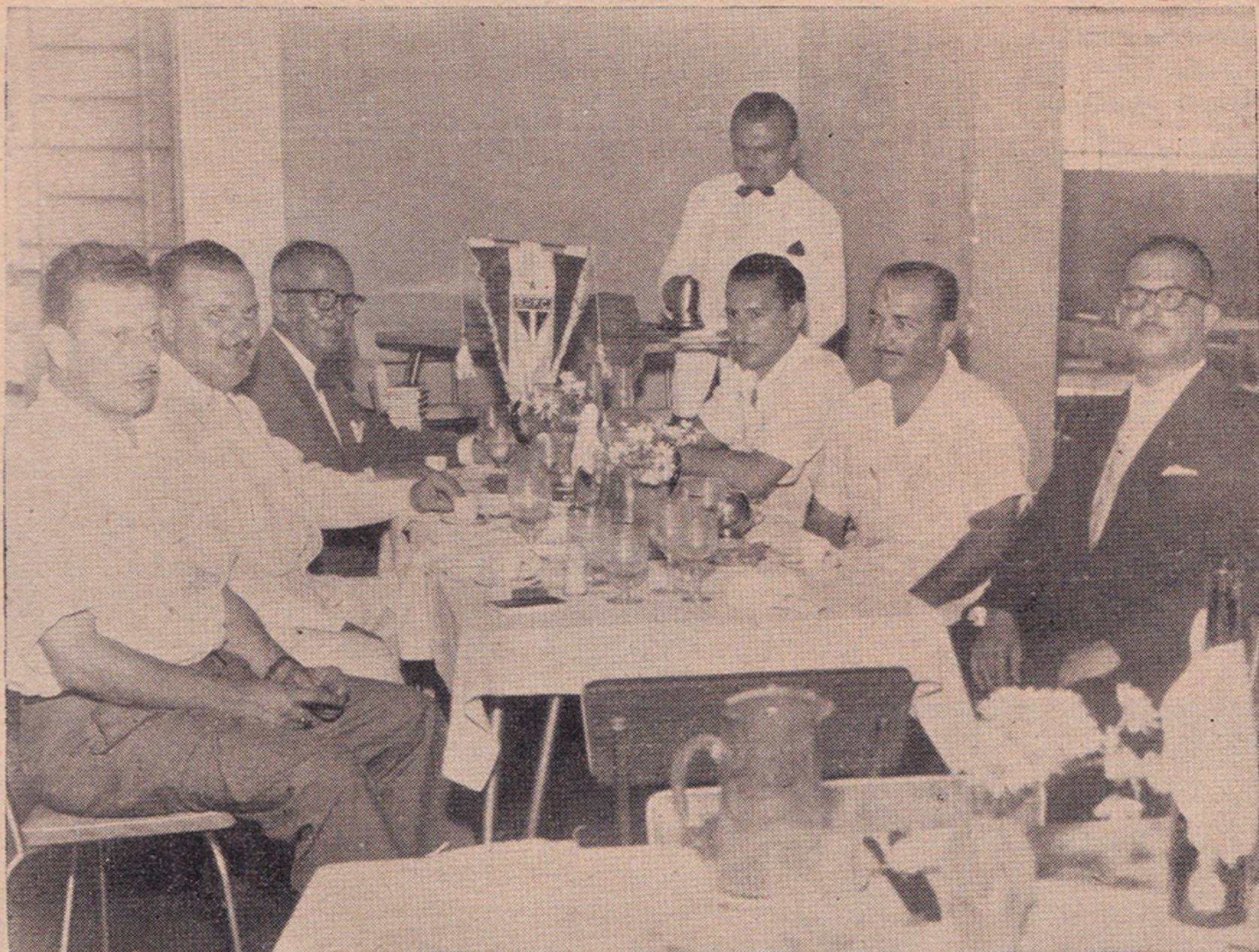
Após uma semana cheia de encantamento, deixamos Recife e, com ela, ficou a figura inconfundível de ADAMIR MENEZES, a gentileza personificada, a silhueta apurada de um cidadão digno e probo.

Nunca uma malediscência, ou uma insídia.

Sempre uma frase gentil, uma história burlesca ou uma anedota engraçada.

Hoje, ADAMIR é nosso representante em Pernambuco, talvez o mais recente, e já vem prestando serviços inestimáveis ao nosso Clube.

A êle dedicamos tôda a nossa afeição são-paulina, na certeza de que estamos homenageando não só o cidadão nortista, mas tôda a gente pernambucana, porque êle encarna bem a grandeza do desporto daquelas badas.



Aspecto de um almoço, em Recife,

Companhia Nacional de Estamparia

FUNDADA EM 1909
CAPITAL:- 350.000.000,00

FABRICAÇÃO DE TECIDOS
DE ALGODÃO CRUS, TIN-
TOS, ALVEJADOS, FLANE-
LADOS E ESTAMPADOS.

*Fábricas "São Paulo", "Santo
Antonio" e "Santa Rosália";
Usinas Hidro-Elétricas; Fá-
brica de Gelo; Oficinas Gráfi-
cas; Oficinas Mecânicas; Ser-
rarias; Fazendas Agrícolas,
EM SOROCABA.*

*Usinas Beneficiadoras de Al-
godão, EM RANCHARIA.*

SÃO PAULO:

Rua da Consolação,
87, 8.o, 9.o e 10.o andares
(Edifício Próprio)
Fone: 35-5191
(Rede Interna)

Caixa Postal, 1223
End. Tel. "Estela" L

SOROCABA

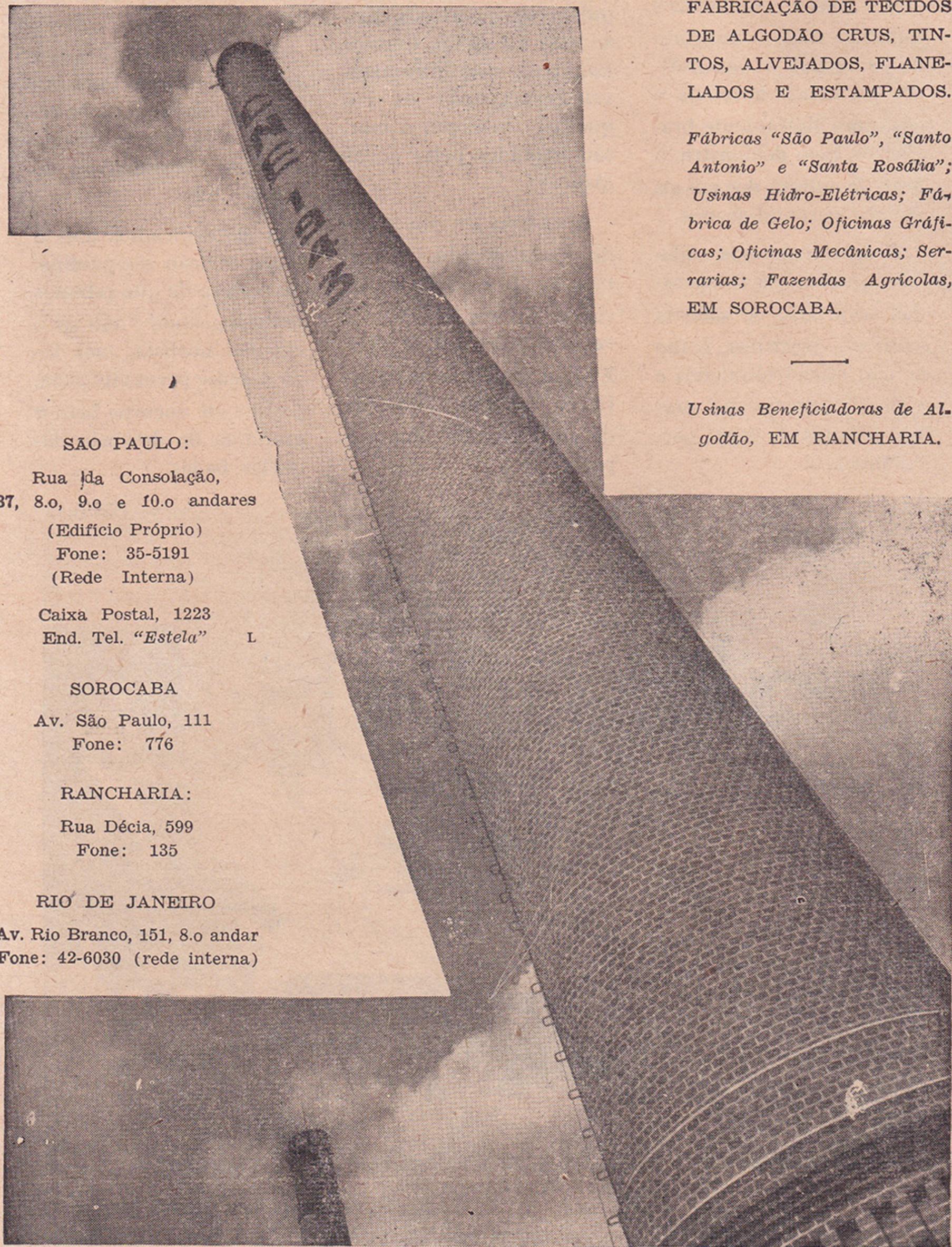
Av. São Paulo, 111
Fone: 776

RANCHARIA:

Rua Décia, 599
Fone: 135

RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 151, 8.o andar
Fone: 42-6030 (rede interna)



Final do Torneio "Vicente Feola"

Agnelo Di Lorenzo

Tivemos, no dia 26 de maio próximo passado, o final do torneio "Vicente Feola", promovido pelo São Paulo Futebol Clube.

Conseguiram destacar-se, nessa disputa, as equipes representativas da Portuguesa de Desportos e do Estrêla da Saúde Futebol Clube, sagrando-se campeãs, respectivamente, na categoria de Infantil e de Juvenil — Série B.

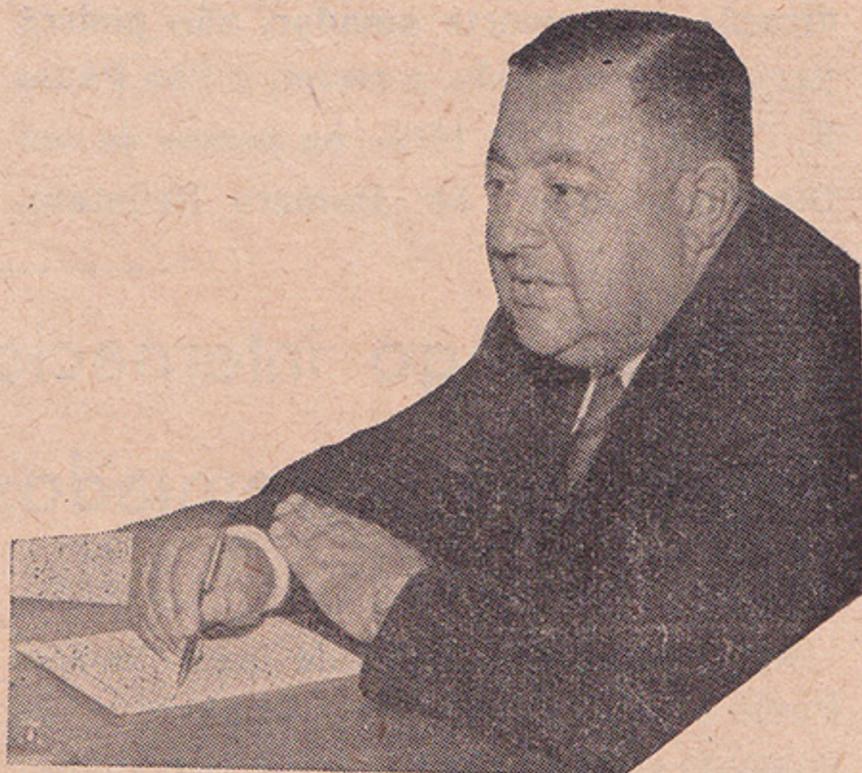
No dia 7 do corrente, com a presença de vários diretores de ambos os Clubes e do Patrono do Torneio, Sr. Vicente Feola, bem como representantes da Rádio Panamericana, ofertantes do troféu "Dr. Paulo Machado de Carvalho Filho", foi procedida a entrega, em nossa séde social, dos troféus aos vencedores, na seguinte classificação:

Na categoria de Infantil — Campeão — A. Portuguesa de Desportos — Troféu "Manoel Raymundo de Almeida".

Na categoria de Juvenil — Série B — Campeão — Estrêla da Saúde Futebol Clube — Troféu "Dr. Paulo Machado de Carvalho Filho."

Ao 2.º colocado na categoria Juvenil — Série B, foi ofertado também um troféu com o nome de Cícero Pompeu de Toledo, classificando-se, pela ordem, a equipe da Portuguesa de Desportos.

Grande foi a satisfação do São Paulo Futebol Clube, ao ver sua idéia coroada de pleno êxito, não só pela colaboração dos demais co-irmãos, como também da ampla repercussão que teve nos meios desportivos. E isto, reforçado pela compreensão dos disputantes, no propósito do São Paulo F. C. e na finalidade do Torneio, o qual não visava, pròpriamente dita, a disputa de taças ou troféus, mas,



tão sòmente, a estruturação e formação dos quadros para a disputa do Campeonato Oficial promovido pela Federação Paulista de Futebol, tarefa esta que, de certo modo, se torna difícilima em virtude da paralisação completa das atividades oficiais desportivas, dessa categoria, contando-se, apenas, com elementos fráquíssimos para tal emprêsa, como treinos e partidas amistosas com equipes que, geralmente, não se apresentam dentro das categorias equivalentes.

E foi assim, conforme dissemos acima, que o meio são-paulino tornou-se eufórico pelo sucesso do Torneio, euforismo êste, que não se caracterizou pela primazia da iniciativa, mas pela certeza de que, futuramente, outros torneios iguais serão levados a efeito e de que outras idéias mais serão postas em prática para o aprimoramento dos jovens atletas de amanhã, para que a criação de Escolas de Futebol saia de sua incubação, para dar vaga ao arrôjo das iniciativas em prol de um esporte melhor, técnica e moralmente.

Obviamente, quando se trata de iniciativas dessa natureza, o nome de um esportista, que vem, de há muito tempo, dispensando a melhor de sua vontade e dedicação ao desporto amador, não poderá passar despercebido, e assim, o São Paulo F. C., na sua feliz idéia, na pessoa de seu Diretor-Adjunto, Sr. Homero Belintani,

achou por bem escolher o nome de Vicente Feola para figurar como patrono do referido Torneio.

Tivemos, também, a prestimosa colaboração do jornal O Esporte e da Rádio Panamericana, que fizeram a cobertura completa de todo o desenrolar do Torneio. A estes os nossos melhores agradecimentos.

Grande jogo internacional, no Pacaembu

Argentinos Agremiados e

nossos Sindicalizados

Sob a responsabilidade legal do São Paulo Futebol Clube, foi efetuado um empolgante cotejo de futebol, em São Paulo.

Vieram renomados craques platinos e, formando respeitável conjunto, enfrentaram um time de atletas filiados ao Sindicato bandeirante.

A renda, descontados os impostos e taxas, bem como todas as despesas, foi dividida, em partes iguais, entre o Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo e os Futebolistas Agremiados Argentinos (Sindicato).

Não deu grande coisa, mas o povo ganhou, e muito, com o excelente espetáculo de futebol apresentado pelos dois quadros. Foi uma partida memorável. Muita técnica e disposição invulgar. Tinha-se a impressão de assistir a um jogo clássico de grandes clubes a decidirem um certame, tal o élan, o desenvolvimento da peleja, empenhados os craques em oferecer ao público as jóias melhores de seus recursos futebolísticos.

Toda a Crônica teceu elogios e não poupou encômios, na apreciação do jogo. Apareceram até os que se fizeram a interrogação: será que a presença do técnico atrapalha os jogadores? — Não, também assim, não... Basta que se considere que aquele foi um jogo deles e para eles, jogo amistoso por excelência, sem o peso de

qualquer responsabilidade a inibir o arbítrio de seus movimentos e de sua experiência. Talvez nisto e só nisto, o segredo do êxito dos nossos. Já com os Argentinos, continuava a idéia: o apelo da pátria distante soava aos seus ouvidos, num toque de alerta que emociona e por vezes descontrola os nervos dos filhos, além. Daí, o melhor desempenho dos nossos e a derrota dos valorosos visitantes.

3 a 1, foi o escore final. Os goals foram de Maurinho, Zézinho, Báuer e Antônio.

Vamos torcer para que tenhamos, de vez em quando, estes encontros amistosos que muito honram os nossos esportes, na apresentação de um futebol agradável, a relembrar os bons tempos, aqueles saudosos dias em que futebol era mesmo futebol.

Equipe bandeirante: Cabeção, Djalma Santos e Martim; Riberto (Alfredo), Báuer (Victor) e Fiume; Maurinho, Zézinho, Gino, Jair (Ipojuca) e Pepe.

Equipe platina: Marrapodi (Badina); Pizzarro e Vairo; Gimenez (Gianserra), Rossi e Schandlein (Moreno); Micheli, Antônio, Galvanessi (Trileli), Sanfilippo e Moyano.

Árbitro: Mister Cross.

Eh! São Paulo...

Escreveu Antônio Pitta no boxe profissional. O São Paulo F. C.

Os são-paulinos estão de parabéns, com a campanha que Éder Jofre, êsse excepcional pêso-pena, feito na "forja" do Tricolor do Morumbi, vem desempenhando foi grande no boxe. De seu seio, têm saído as grandes revelações do esporte das luvas que deram glórias a São Paulo e ao Brasil.



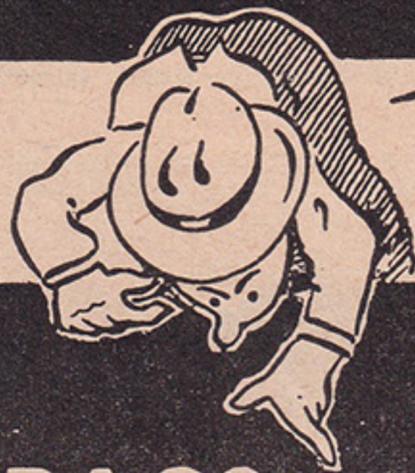
Arestides Jofre, técnico de boxe, examina a mão de seu filho, o "Pequeno Nocauteur", antes da luta que êste sustentou com o uruguaio Roberto Rebello.

Após atingir o máximo como amador, Éder Jofre ingresou no profissionalismo, obtendo cinco espetaculares vitórias por nocaute, contra os argentinos Raul Lopes (2 vêzes), Osvaldo Perez (2 vêzes) e o uruguaio Juan Gonzalez, sendo que os dois últimos são boxadores em evidência no cenário pugilístico sul-americano. Sua quinta luta no boxe remunerado realizou-se no dia 14 de junho dêste ano, contra o uruguaio Gonzalez, contra o qual teve que se empenhar a fundo, para vencer por nocaute técnico, no 5.º assalto! E' grande êste menino! A continuar assim, onde irá êle parar? Quem nos pode dizer que não irá ser campeão sul-americano de sua categoria?

No Brasil, Jofrinho não tem adversário. No entanto, é, apenas, o virtual campeão, porquanto, até aqui, não pôde, por falta de adversário, disputar o título. Todavia, vai acontecer que a Confederação Brasileira de Pugilismo ver-se-á na obrigação de proclamá-lo campeão, tal como aconteceu com Paulo de Jesus.

Os maiores valores do boxe bandeirante saíram da "forja" são-paulina. O último foi o "Pequeno Nocauteur", ou seja, Éder Jofre. Outros ainda virão, pois são muitos os elementos que estão sendo trabalhados, para glória do São Paulo F. C. Azoir, por exemplo, é um meio-médio que foi lançado no Campeonato de "A Gazeta Esportiva", dêste ano. Nesse certame, sustentou cinco combates êste vigoroso jovem, vencendo-os todos, por nocaute, sagrando-se campeão! Daqui a uns anos, êste amador, após dar glórias ao seu clu-

**EM TODA PARTE
SE ENCONTRA ÊSTA VERDADE:**



**PARA OS
MALES DO FIGADO
HA UM REMÉDIO:
HEPACHOLAN
XAVIER
LÍQUIDO E DRÁGEAS
[2 TAMANHOS
NORMAL E GRANDE]**

be, passará para o profissionalismo, mas as côres do Tricolor estarão sempre em seu coração, como acontece com Ralph Zumbano, Luiz Inácio, Éder Jofre, e tantos outros.

Bancas de Jornal do Interior

PRECISAMOS DE AGENTES REVENDEDORES PARA TRICOLOR

Damos 30% de desconto. BASTA QUE OS PRETENDENTES NOS ESCREVAM, INDICANDO O "REPARTE" E ENVIANDO O DEPÓSITO CORRESPONDENTE. Assim, para 10, \$35,00; para 20, \$70,00; para 30, \$105,00, etc. Enderêço: REVISTA TRICOLOR, Caixa Postal, 1901

Arthur Friedenreich, el tigre, o maior craque de futebol que o Brasil produziu

OLÍMPICUS

CAPÍTULO II



==== O mestre e sua arte ====

O MESTRE E SUA ARTE — Tôda a ciência do popular jôgo êle a conheceu. Foi técnico e malabarista, improvisador e construtor, “artilheiro” e fintador; compassado e acrobático. A sua arte, uma maravilha... Jogou com imaginação e intuição, com inteligência, vivacidade e astúcia; com “limpeza”, elegância, correção e audácia. Os seus tentos, seus passes, as suas fintas tiveram precisão mecânica e estilo inconfundível, segurança absoluta e técnica acabada. Todo o seu jôgo foi um espetáculo, como nenhum outro avante, desde que o futebol existe no mundo, o teria executado. Em um quarto de século, o jôgo de Fried criou um verdadeiro dicionário da sua arte, que tanto foi de futebol científico como bizarro, como de fantasia, volúvel e positivo, alegre e efetivo.

Que gênio, que fenômeno! Fantástico êsse jogador, que, em 1931, aos 39 anos de idade, com 22 anos de futebol, se tornava, mais uma vez, campeão, e conquistava, em um punhado de prélios, 32 tentos! Teria sido igualada oficialmente esta proeza por um outro elemento, desde que existe o futebol? Cremos que não.

Impossível ver-se um jogador durante 26 anos, manter perfeito o seu estado atlético, e isto, sem observar um regime de exercícios físicos!

O fenômeno físico, em Fried, é tão importante, como o fenômeno técnico. Foi um dom da natureza que tornou “El Tigre” jogador até aos 43 anos de idade e que lhe permitiu se conservar sempre com o corpo e o espírito de jovem de 20 anos, para jogar até 1935, com todos os seus recursos físicos, com tôda a sua lu-

cidez e disposição do passado. A figura atlética de Fried foi, então, como era há 15 ou 20 anos passados. Conservou suas linhas, seu pêso. Apenas, os traços fisiológicos mudaram algo com o passar dos anos. Sòmente aos 23 anos de atividade, é que começou a se acentuar a decadência de sua extraordinária flexibilidade, do fôlego, da energia, mormente nas pernas. Daí, o mestre começou a atuar, apenas, com sua vasta experiência. Vimos, nos últimos três anos, Fried não mais atravessar, velozmente, tôda a defesa, atrair o guardião e colocar as bolas nas rêdes, mas com seu raciocínio fazer passes matemáticos para os seus companheiros conseguirem fàcilmente os tentos. Um passe de Fried, meio ponto conquistado.

Que pena não ter se apresentado a "El Tigre", nos seus melhores tempos, uma oportunidade para se consagrar diante da crítica mundia.

Não teve Fried culpa de o Brasil

nunca ter tomado parte, no passado, nos maiores campeonatos internacionais, quando êle ainda estava no apogeu. Sòmente uma vez, se ofereceu a ocasião de se exhibir na Europa e causou admiração. Depois do dia de sua estréia em Paris, sob um clima desconhecido, até então, pelos jogadores brasileiros e num campo horivelmente encharcado, Fried impressionou tanto, que um crítico sueco escreveu que jamais tinha visto um centro-avante igual. Contava então 33 anos de idade.

Fried foi o protótipo do nosso jogador. Não podia deixar de existir Friedenreich para o nosso futebol. Não teria expressão, não jogariam os nossos avantes como souberam e sabem jogar...

A arte "friedenreichana" é a arte do futebol brasileiro.

Durante 25 anos, foi êle um mestre, uma bandeira do "association" pátrio e será, eternamente, um símbolo.



A equipe do S. Paulo da Floresta, em 1932. O quarto abaixado, a contar da esquerda, é o nosso Fried.

As 15 partidas de Fried na Seleção do Brasil

1.º — Brasil x Argentina 1 x 0, Copa Roca, Buenos Aires, 27 de setembro de 1914;

2.º — Brasil x Chile 1 x 1, Sulamericano Extra, Buenos Aires 8 de julho de 1916;

3.º — Brasil x Argentina 1 x 1 Sulamericano extra Buenos Aires 10 de julho de 1916;

4.º — Uruguai x Brasil 2 x 1, Sulamericano extra, Buenos Aires, 12 de julho de 1916;

5.º — Brasil x Uruguai, 1 x 0, em Montevideo, 1916;

6.º — Brasil x Chile 6 x 0, Sulamericano, Rio de Janeiro, 11 de maio de 1919;

7.º — Brasil x Argentina 3 x 1, Sulamericano, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1919;

8.º — Brasil x Uruguai 2 x 2, Sulamericano, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1919;

9.º — Brasil x Uruguai 1 x 0, Sulamericano, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1919;

10.º — Brasil x Chile 1 x 1, Sulamericano, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1922;

11.º — Brasil x Uruguai 0 x 0, Sulamericano, Rio de Janeiro 1 de outubro de 1922;

12.º — Brasil x Paraguai 5 x 2, Sulamericano, Buenos Aires, 6 de dezembro de 1925;

13.º — Argentina x Brasil 4 x 1, Sulamericano, Buenos Aires, 13 de dezembro de 1925;

14.º — Brasil x Paraguai 3 x 1, Sulamericano, Buenos Aires, 17 de dezembro de 1925; e

15.º — Brasil x Argentina 2 x 2, Sulamericano, Buenos Aires, 25 de dezembro de 1925.

OS 7 GOALS QUE FRIED MARCOU NA SELEÇÃO DO BRASIL

URUGUAI x BRASIL — 2 x 1 — Buenos Aires, 12 de julho de 1916.

BRASIL x CHILE — 6 x 0 — Rio de Janeiro, 11 de maio de 1919 (três).

BRASIL x URUGUAI — 1 x 0 — Rio de Janeiro, 29 de maio de 1919.

BRASIL x ARGENTINA — 5 a 2' — Buenos Aires, 6 de dezembro de 1925 (um).

BRASIL x ARGENTINA — 2 x 2 — Buenos Aires, 25 de dezembro de 1925 (um).

AS QUINZE SELEÇÕES DO BRASIL QUE FRIED INTEGROU

1914

Contra a Argentina

Marcos; Pindaro e Nery; Lagreca, Rubens e

Pernambuco; O. Gomes, Milon, Bartolomeu, Fried e Arnaldo.

1916

Contra o Chile

Marcos; Orlando e Nery; Lagreca, Sidney e Gallo; Menezes, Demostenes, Fried, Alencar, Arnaldo.

Contra a Argentina

Casemiro; Nery e Orlando; Lagreca, Sidney e Gallo; Menezes, Fried, Amilcar, Alencar e Arnaldo.

Contra o Uruguai

Casemiro; Orlando e Nery; Lagreca, Sidney e Galo; Menezes, Alencar, Fried, Mimi e Arnaldo.

Contra o Uruguai

Marcos, Carlito e Osni; Amilcar, Lagreca e Facchini; Menezes; Alencar, Fried, Mimi e Arnaldo.

1919

Contra o Chile

Marcos, Bianco e Pindaro; Sergio, Amilcar e Galo; Menezes, Neco, Fried, Haroldo e Arnaldo.

Contra a Argentina

Marcos, Pindaro e Bianco; Sergio, Amilcar e Fortes; Milon, Neco, Fried, e Hitor e Arnaldo.

Contra o Uruguai

Marcos, Pindaro e Bianco; Sergio, Amilcar e Fortes; Milon, Neco, Fried, e Hitor e Arnaldo.

Contra o Uruguai

Marcos, Pindaro e Bianco; Sergio, Amilcar e Fortes; Milon, Neco, Fried, e Hitor e Arnaldo.

1922

Contra o Chile

Marcos; Palamone e Barthô; Lais, Amilcar e Fortes; Firmiga, Neco, Fried, Tatu e Rodrigues.

Contra o Uruguai

Marcos; Palamone e Barthô; Lais, Amilcar e Fortes; Firmiga, Neco, Fried, Tatu e Rodrigues.

1925

Contra a Argentina

Tufi, Penaforte e Helcio; Nascimento, Rueda e Pamplona; Filó, Lagarto, Fried, Nilo e Moderato.

Contra a Argentina

Tufi, Clodo e Helcio, Nascimento, Floriano e Fortes; Filó, Lagarto, Fried, Nilo e Moderato.

Contra o Paraguai

Tufi, Clodo e Penaforte; Nascimento, Floriano e Fortes; Filó, Lagarto, Fried, Nilo e Moderato.

Contra o Paraguai

Batalha, Clodo e Helcio; Nascimento, Floriano e Pamplona; Filó, Lagarto, Fried, Nilo e Moderato.



PAULO MARTORANO

G O L E I R O

Paulo Martorano "abre o bico". O estudante e o sportman. Do Colégio Marista de Guará à Universidade Católica de São Paulo. Primeiro contrato. A camaradagem são-paulina e sua impressão sobre Bela Guamann. Gosta de Mazzola e de outros craques afamados. Na Seleção Nacional, e suas esperanças em 58. Recordista e Campeão de Atletismo. Alegrias e tristezas. Vai deixando a garota com a mãe, por enquanto. A história de uma lambreta endiabrada, em Campinas.

Paulo teve no S. Paulo F. C. a escada de sua rápida ascensão no futebol nacional.

Andava, de há muito, merecendo a atual projeção, mas lhe faltava a oportunidade de um clube que o colocasse em evidência, na mira dos olheiros mandachuvas da Entidade-mater. E o Tricolor lhe abriu esta porta, lhe escancarou a clareira para a caminhada no roteiro da fama.

E Paulo correspondeu plenamente. Está satisfeito o São Paulo pela aquisição do excelente guardião, e a Seleção Nacional ganhou mais um elemento em que poderá confiar, para os duros embates que se aproximam.

Tôda a Crônica esportiva bandeirante está de acôrdo quanto à boa forma técnica de Paulo. Julgam-no seguro e corajoso todos os observadores. Até chegam... Bem. Vamos deixar de vaticínios. O futuro a Deus pertence.

Hoje, vamos conversar um pouco com o Paulo, no sentido de aproximá-lo, mais ainda, das torcidas entusiasmadas que não lhe poupam aplausos.

Ele mesmo nos vai contar sua história.

—//—

O estudante e o "sportman"

— Paulo. Diga-nos onde e quando nasceu.

— Sou filho de Guará, dêste Estado. Boa terrinha. Vim à luz no dia 3 de maio de 1933. Meus pais: Fidélis e Teresa Martorano.

— Onde começou a estudar?

— Em Franca, no Colégio Champagnat dos Irmãos Maristas, fiz o curso pri-

mário e o secundário ou de Ginásio. Em Campinas, cursei o Científico e iniciei o curso de Direito, sendo transferido para a Capital, matriculando-me na Faculdade de Direito da Universidade Católica, onde continuo muito satisfeito.

Seu primeiro contrato

— Vamos, agora, para os esportes. Quando começou a jogar futebol?

— No Colégio Marista. Jogava futebol, mas praticava outras modalidades esportivas, como vôlei, basquete e atletismo. Foi quando ainda no Ateneu Paulista de Campinas, que me inscrevi como juvenil do Guarani F. C. E ali acertei, pois fui transferido para o quadro profissional, com apenas dois meses de juvenil.

— Contrato, "no duro"?

— Sim. Ordenado mensal de Cr\$... 2.300,00. Dinheirão... Foi isto em 1952. Mas, ali mesmo, fui progredindo, sendo que, já em 56, meu contrato foi renovado com "luvas" de 100.000,00 e ordenado de 8.000,00.

A camaradagem são-paulina

— Depois, o São Paulo, não?

— Sim. Fiz uma boa campanha em 56 e o Tricolor e outros clubes se interessaram por mim.

— Por que preferiu o São Paulo?

— Coisas de simpatia, de coração. Sempre gostei do Tricolor e sonhava mesmo em integrar sua equipe. Sabia que, nesta circunstância, estava minha felicidade...

— Quer dizer que, agora, "tudo azul"...

— Sim. Tudo bem. A camaradagem é a melhor possível. Não pode haver me-

(Cont. na pág. 22)

Não há são-paulino que não se recorde, com o coração cheio de saudades, daquela equipe de aspirantes dos anos de 45, 46, 47 e 48, integrada por magníficos jogadores, quase todos eles feitos no Canindé, que era, então, o "fortim" dos tricolores. Naquela época, emprestava-se maior atenção às equipes inferiores e se cuidava com carinho redobrado dos elementos com "pinta" de craque. E o São Paulo tirou ótimo proveito daquela estupenda safra de jogadores, reforçando, de forma extraordinária, sua principal esquadra e contando com uma reserva futebolística de primeira linha. Talvez, em virtude da extinção do certame de aspirantes, tenha arrefecido também o entusiasmo dos nossos principais clubes em revelar novos craques. Pelo menos, já não se nota, nos dias que correm, o mesmo interesse das agremiações paulistanas, a mesma preocupação que as dominava nos idos de 46. Hoje, praticamente, quase todos os "grandes" clubes do nosso principal esporte desejam jogadores feitos, craques de estupendos recursos, mesmo que possuam alguns vícios. O São Paulo, no entanto, não se enquadra em tal caso. Ainda que se tenha descuidado, um pouco, de seus "quadros de baixo", procura ainda formar os seus defensores de amanhã, e segue o grêmio do Morumbi um programa que não pode deixar de ser lembrado e colocado aos olhos do público.



A equipe de "brotos" que foi vitoriosa no Torneio-início, grupo de Antônio Rosa, Alfredo Ramos, José Lopes, Waldemar, Vitor e Maneca.

leiro de craques



Capital, vencendo o Santos e o Palmeiras. De pé, pela esquerda:
Atílio. Abaixados, pela esquerda: Ubirajara, Sidnei, Silva,
e Paulinho.

BOA PLÊIADE

Relembrando aquela extraordinária equipe que se sagrou, várias vezes, campeã paulista de aspirantes e recordando, ao mesmo tempo, o conjunto de juvenis enxertado, apenas, por dois profissionais (Alfredo e Vítor) que tanto sucesso conseguiu no Torneio Início da Federação Paulista de Futebol realizado no Pacaembu e em Ribeirão Preto, tivemos a idéia de trazer para estas colunas a nossa palavra de entusiasmo e de apoio à gente são-paulina. Realmente, não há quem não tenha ficado empolgado com o feito da "meninada" do Tricolor. Enfrentou alguns dos mais categorizados quadros (vários clubes se fizeram presentes, com eus melhores valores nesse torneio) e deu um verdadeiro "show". Valdemar, Sidnei, Atílio, Antônio Rosa, Silva e outros mostraram ao público paulista e, principalmente, ao são-paulino o que são capazes de realizar. Todos são jovens futebolistas. Mas não há negar que têm pela frente, um futuro brilhante. Arriscamos mesmo a afirmação de que o São Paulo tem uma retaguarda magnífica e que, nos próximos anos, estará utilizando-a com grandes vantagens. O exemplo dado pelo Tricolor não pode ser olvidado pelos demais clubes paulistas. Aí está o que todos devem fazer, em defesa dos seus próprios interesses. Oxalá, o Tricolor empreste maior carinho e atenção a êsse assunto, depois que se instalar no Morumbi. Está provado que um grande clube pode e deve ser um grande celeiro de craques.

NÃO SO' DE AMOR VIVE O HOMEM, E A TRADIÇÃO APENAS NÃO BASTA PARA GANHAR CAMPEONATOS...

Deve o São Paulo Futebol Clube voltar um pouco da sua atenção para o enfraquecimento progressivo da sua equipe de atletismo.

CAETANO CARLOS PAIOLI

Deve estar causando preocupação aos dirigentes do Tricolor o progressivo enfraquecimento da sua equipe de atletismo. É realmente um fato. Os sintomas bem claros desta situação nós os temos encontrado em numerosos acontecimentos de que tem participado o São Paulo F. C. O clube da strês côres sempre se orgulhou — e justificadamente — do seu potencial nas corri-

das de fundo, setor êste que lhe assegurou inúmeros triunfos. Entretanto, até mesmo aqui, estamos constatando a queda cada vez mais acentuada, do conjunto que, há tantos anos, marcha sob a batuta de Dietrich Gerner. Além de haver perdido o título de campeão do principal certame do pedestrianismo bandeirante, sua posição no torneio desta temporada não é muito anima-

dora. E não é apenas no pedestrianismo que o mal ocorre, pois que, na própria disputa da "Álvaro de Oliveira Ribeiro", prêmio clássico do atletismo nacional, o conjunto são-paulino desapontou aos que compareceram ao estádio do Tietê para presenciar o empolgante duelo que, neste ano, finalizou com a vitória mais ou menos cômoda da representação do Vasco, do Rio.

Não há nenhum mistério no fenômeno. Com quase 15 anos de sobrevivência no atletismo paulista, o São Paulo F. C. sustentou a extraordinária capacidade combativa que todos lhe reconhecem, graças, sem dúvida à renovação constante dos valores.

Várias gerações passaram pelo crivo da constante observação de Dietrich Gerner e tôdas elas contaram com figuras de proa que permitiram uma tal estruturação da equipe, que a vitória do principal torneio atlético de São Paulo pertence aos tricolores, há nada menos de treze vezes consecutivas, fato sem precedentes na história do atletismo de nossa terra.

Essa renovação, entretanto, parece que perdeu o ímpeto dos anos pasados e o ritmo, em que se mantinha, entrou numa fase de enfraquecimento cujos frutos se revelarão no próximo Campeonato do Estado, quando, segundo tudo indica, não terá o

Atenção, Muita Atenção!

ASSOCIADO TRICOLOR DA CAPITAL

Não se esqueça de sua revista. Venha à nossa séde social, e aqui retire o seu exemplar, mensalmente.

Não é favor nosso. É um direito seu, pois V. S. está pagando a respectiva assinatura, quando resgata seus recibos sociais.

V. S. tem trinta dias de prazo, após a edição de Tricolor.

Advindo a edição posterior, perderá V. S. o direito de receber o número anterior. Isto, para evitar confusões.

Outrossim, gratuitamente lhe será fornecido um cartão-recibo, para controle das retiradas.

Não o perca. Outra via lhe custará Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros).

São Paulo F. C. forças suficientes para se opor ao adversário mais categorizado e que o acompanha a poucos passos, que é o C. R. Tietê.

Qual a causa dessa transformação no Tricolor?

Evidentemente, a resposta poderá ser encontrada na falta da pista própria. Tem-se falado, e muito na maravilhosa pista do Morumbi. Realmente, na sua execução foi posta toda a técnica e a experiência de muitos anos de observação. Entretanto, os atletas não a utilizam para seus preparativos, e sua atual localização não contribui para que dela façam uso os companheiros de Natalo dos Santos. Daí a interrupção assinalada e que é responsável por este progressivo enfraquecimento, capaz de levar a equipe tricolor a uma posição inferior para o seu prestígio atlético.

Pergunta-se:

— Qual a solução?

Apressar a utilização da pista do Morumbi, se possível, ou obter outra próxima da Capital, para que os atletas possam encontrar um ponto de concentração e que, sem constrangimento, permita o treinamento indispensável e a qualquer hora dos atletas interessados.

Numa época, como a atual, quando mais constantes são os recursos pouco lícitos adotados pelos clubes para o fortalecimento das respectivas equipes, impõe-se à direção do São Paulo Futebol Clube o dever de enraizar o problema na relação dire-

Natalo dos Santos, um dos grandes valores são-paulinos.



ta da sua importância. Fala-se agora, no êxodo de atletas paulistas atraídos para um clube importante do Distrito Federal. É a repetição de um fenômeno que se verificou sempre. Todavia, na hora presente, o problema apresenta-se para o São Paulo F. C. com características sérias, porque o atleta tem, a seu favor, carreadas de razões que justificarão sua transferência para qualquer clube e a qualquer momento.

Impõe-se estudar o problema, repetimos, porque "não só de amor vive o homem..."

CLICHÊS

Gravotécnica

Sul America Ltda.

FONE: 33-2204
Av. da Liberdade, 787
SÃO PAULO

Qualquer quantia destinada a Tricolor ou à Tesouraria do Clube deve ser enviada neste endereço: S. Paulo F. C., Av. Ipiranga, 1267 — 13.º andar. Sob outro endereço, se torna incômodo e difícil o recebimento no Correio ou nos Bancos. Portanto, tome nota: SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE é o endereço para a remessa de dinheiro.

O futebol brasileiro está vivendo, nesta metade do ano, uma época de intensíssima atividade internacional. Não só aqui, em São Paulo e no Rio, mas também no Velho Mundo e em outros países da América do Sul, os nossos principais clubes, e até mesmo a seleção, têm realizado uma extraordinária série de pelepas, obtendo, aliás, e para a satisfação dos torcedores patricios, muito mais vitórias do que derrotas.

Essa atividade tem prejudicado, sem dúvida, as nossas atividades domésticas, forçando a paralisação ou oferecendo uma insuportável concorrência aos campeonatos regionais, e, além disso, trazendo à tona o rançosíssimo problema da constituição do selecionado da C.B.D. Com as agremiações interessadas muito normal e justificadamente em aproveitar as poucas folgas que lhes restam para empreitar temporadas, a fim de solucionar as suas dificuldades econômicas, tem sido impossível, ao mesmo tempo, a organização do quadro brasileiro ideal para os confrontos combinados pela entidade "mater". E o único jeito tem sido apelar para improvisações, as quais, infelizmente, não produzem os resultados que seriam de desejar a um país que, como o nosso, tem sérios encargos internacionais a cumprir dentro de muito breve, quais sejam, aquêles das fases finais da Copa do Mundo de 58, em gramados suecos.

—//—

Torcemos para que essa disciplinação(?) das nossas atividades futebolísticas com os países de além já tenha chegado a um ponto tal que indique aos clubes e à C. B. D. um estudo acurado da questão, com o fito de, a partir do próximo ano, promover-se o estabeleci-

H. Conceição de Sá

mento de um calendário racional, atendendo, a um só tempo, os respeitabilíssimos interesses das associações e os do selecionado pátrio.

E será difícil conseguir-se isto?

Queremos crer que não. Se levarmos em conta que o mercado europeu abre-se para as excursões dos nossos clubes ou para exportar o seu futebol sempre nos meses de junho, julho e agosto, não será difícil descobriremos a chave-mestra para a confecção de um calendário satisfatório. Bastaria que as nossas competições domésticas, ou terminassem antes, ou fôsem sustadas durante êsse período, dando azo, então, a que nêle as agremiações pudessem excursionar ou patrocinar, em nossas principais canchas, os torneios que lhes interessassem. Um prazo não inferior a 60 dias ser-lhes-ia reservado, nessa época, para essas realizações. E os 30 dias restantes seriam ocupados com possíveis amistosos da seleção.

Dir-se-ia que é impossível essa conciliação de interesses. Temos a impressão que não. Em todo caso, o que urge fazer é levar a sério, de uma vez por tôdas, o problema do calendário. Sem isto jamais sairá o nosso futebol dêste regime de ruinosas improvisações, que tanto infelicitam os clubes, como o selecionado.

Pouco há mais a comentar no terreno futebolístico, já que o Torneio de Classificação, recém-começado, não atingiu, ainda, a fase aguda em que se define a sorte dos concorrentes.

E, em sendo assim, focalizemôs para esgotar a "safra" de assuntos do mais popular dos nossos esportes, a discutida questão dos vícios e virtudes de que é portador o padrão de jôgo mais em voga nas canchas brasileiras.

Nosso fracasso no Campeonato Sul-americano trouxe consigo preciosas lições a propósito das características do "soccer" que estamos praticando. Infelizmente, porém, passados os primeiros dias em que o assunto mereceu alguns debates, através da iniciativa de cronistas esportivos, tudo voltou ao reino do esquecimento...

A. C. B. D., principal responsável no caso, nem sequer teve o cuidado de discutir a questão, internamente. Limitou-se, como sempre, a considerar os insucessos do nosso "association" como consequência única da má orientação do técnico e "resolveu" o problema, substituindo o "coach" que não pôde trazer da capital peruana o sonhado título.

Está errado. Profundamente errado! A seguir assim, jamais conseguiremos equacionar as causas reais que afetam um

melhor rendimento das nossas seleções nas grandes competições internacionais. De medidas "salvadoras" a novas medidas "salvadoras", iremos enterrando o nosso prestígio nesses torneios.

—//—

O que tem havido nos demais esportes? Quase nada. A não ser o esplêndido êxito da equipe patricia de tênis de mesa, levantando o certame continental disputado em Buenos Aires, o resto é silêncio... ou decepções. Nosso boxe amador, por exemplo, atirou-se a uma verdadeira aventura no Latino-americano de Santiago e pagou caro preço a essa ousadia... Saímos daqui com uma equipe incompleta, improvisada e mal treinada e não pudemos, por isso, afirmar a nossa evolução indiscutível na apreciada modalidade. Sempre a falta de programa a atrapalhar tudo!...

HONROSA VISITA

A Delegação Lusa, no Morumbi

A Seleção lusa que acaba de visitar o Brasil, realizando jogos no Rio e nesta Capital, foi alvo de inúmeras homenagens, aqui e ali, numa demonstração palpável da confraternização das duas pátrias.

Em São Paulo, foram diversos os recursos da fidalguia bandeirante na manifestação de seu carinho aos ilustres visitantes, diretores e futebolistas.

Os diretores da delegação foram levados ao Jardim Leonor, para uma visita às obras do nosso estádio e, ali, tiveram palavras de fervoroso entusiasmo. Entre outras coisas afirmaram "ser de seu imperioso dever levar além, à velha Europa, a notícia do grande empreendimento do Morumbi, que é uma verdadeira empresa de gigantes".

Na foto, aspecto da referida visita.



CRAQUES NA BERLINDA . . .

(Conclusão da página 15)

lhor ambiente para um jogador. Diretoria fidalga, tratamento ótimo e assistência integral.

— Qual ou quais os colegas que mais admira?

— Não posso distinguir nenhum. Todos são admiráveis companheiros e excelentes craques.

— E o técnico? Pode arriscar sua opinião?

— Gosto do técnico, como todos os colegas. É um bom preparador físico e entende mesmo do "riscado". Tem me submetido a um treinamento verdadeiramente milagroso.

Gosta de Mazzola, Luizinho, etc.

— Já que não quis ou não pôde distinguir craques tricolores, pode dizer-nos quais os craques bandeirantes que mais admira?

— Admiro a muitos, mas, assim, de surpresa, posso enumerar, por exemplo, Mazzola, Luizinho, Jair, Pagão, Del Vecchio e Pelé. Como estes, há outros, cuja série é grande.

Na Seleção Nacional

— Ficou contente com ser selecionado para formar a equipe nacional?

— Perfeitamente. É isto uma grande honra, ainda mais reconhecendo que temos grandes goleiros no plantel nacional.

— Não integrou outras seleções antes desta?

— Bem. Fui chamado a treinar na Seleção Paulista, em 54 e, na Brasileira, em 55. Mas não cheguei a jogar em partidas oficiais. Na hora H, outro valor era escolhido e eu ficava "sobrando". Não sofria decepção. O outro era melhor.

— Espera atuar na Copa do Mundo de 58?

— Não sei o que responder. Digo, porém, que, se minha estrêla continuar luzindo, como, naquela noite, contra a Seleção Portuguesa, diante do terrível Ma-

tateu, talvez eu vá jogar na Suécia. Vontade não me vai faltar...

Recordista e Campeão em Atletismo.

— Já que você afirmou ter praticado outros esportes, em quais deles se distinguiu?

— Sou recordista universitário de salto em altura, com 1m, 82; de salto em extensão, com 6m, 40, e em revezamento dos 4x100. Isto em 1956. Sim. Fui também campeão paulista de vôlei em 1955.

Alegrias e tristezas.

— Qual seu maior "ferro" de futebolista?

— Aquêles 7 a 1 sofridos do Palmeiras, em 55, jogo de campeonato.

— E sua maior alegria?

— Os 3 a 1 frente ao Corinthians, também em 55. Gostoso o placarde: Guarani-3. Corinthians-1... Foi uma loucura isto, em Campinas, quando todo o mundo esperava a nossa derrota. Esperava ou temia.

— Você é solteiro, não?

— Sou e serei ainda por uns dias. A vida está dura, e a gente pegar a menina alheia para não tratar direitinho, é melhor deixá-la mesmo com a mamãe... Depois, não custará ir buscá-la.

— Paulo. Parece que já ouvimos chamá-lo Paulo Lambreta. Que diabo significa isso?

— Simples. Tinha, em Campinas, uma lambreta, e, quando a montava, fazia misérias. Nas minhas pernas, parecia poldro bravo... Quando eu "roncava" numa esquina, a debandada era geral. E eu, pensando que o povo estava abrindo alas ao meu "carro", aí era que me espalhava. E a alma eloquente das ruas, gritou: "Lá vem Paulo Lambreta." E o apelido pegou, mas não me enfada.

—//—

E, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a conversa.

Torneio Internacional de Futebol

Com a participação de quatro equipes estrangeiras, a saber, os Belenenses, de Portugal; o Sevilla, da Espanha; o Dínamo, da Iugoslávia, e o Lazio, da Itália, e de quatro nacionais, Combinado Vasco-Santos, e Flamengo, do Rio; Corinthians e São Paulo F. C., foram disputadas as duas primeiras fases do torneio internacional de futebol, Copa São Paulo, patrocinado pelo Tricolor, com a cooperação da Agência de Turismo Menezes, desta Capital.

Falta ainda a decisão final, com jogos entre os finalistas, que são os clubes brasileiros, já que os visitantes não conseguiram sobrepor-se aos nossos valorosos ti-

mes. E é forçoso reconhecer que foi fraco, fraquíssimo e deficiente o futebol apresentado pelos clubes estrangeiros, dos quais se esperava muito mais técnica, muito mais élan e beleza.

Deve-se o lamentável acontecimento a terem comparecido os referidos clubes com equipes secundárias, isto-é, desfalcadas de vários de seus respectivos titulares, o que se explica por estarem os clubes europeus empenhados nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 58, na Suécia.

Pena, porque perdemos a oportunidade de assistir a prêmios gigantescos, como era de desejar e foi mesmo programado



Equipe do Lazio, de Roma.

Deseja V.S. contar com uma publicidade perpétua? Então, anuncie em Tricolor e faça bons negócios, com um público trabalhado sem cessar.

para a Copa São Paulo.

Pena, porque se verificou tremendo fracasso financeiro, consequência da pobreza dos espetáculos.

Futebol ruim ou medíocre temo-lo aqui mesmo, sem necessidade de trazer de fora, com despesas enormes, equipes descoloridas, incapazes de fazer vibrar as massas.

Por isto, o povo não se interessou pelo certame, naquele grau de entusiasmo que era mister.

As equipes estrangeiras foram goleadas

sem dificuldade, e o povo quer luta de leões e, não, apresentação ou parada de camisas camaradas, em porfia de amigos.

Resta-nos ainda, felizmente, uma série de jogos que, com tóda a certeza, vai agradar às torcidas, ciosas que vivem de futebol de primeira água. Lutarão os clubes nacionais pela posse do título da Copa São Paulo.

Vamos aguardar a determinação das datas. Estamos convictos de que "a coisa vai pegar fogo".



Equipe do Sevilla, de Madrid.

SENHOR INDUSTRIAL

Revista lida não é papel velho!

É presente que vai de mão em mão! É leitura que não cansa, que não caduca e que se guarda para as horas de lazer, meses, anos, décadas seguidas!

É a história do Clube, em tomos! O que nela se anuncia tem chance para ser visto mil vezes!...

PORTANTO, ANUNCIE NESTA REVISTA. AJUDE-A, AJUDANDO-SE A SI MESMO!

PREITO DE SAUDADE



O S. Paulo Futebol Clube presta, aqui, a mais sentida homenagem de sua saudade ao dr. Carlos Plastina, falecido no dia 26 de junho.

Ainda no pleno vigor de uma existência tãda ela dedicada ao bem e ao cultivo da fraternidade entre os homens, o pranteado cidadão exerceu, por vários anos, o cargo de presidente da Sociedade Sul-riograndense, agremiação que congrega a fina flor da colônia gaúcha em S. Paulo.

Emérito causídico, era alto funcionário da Delegacia Regional do Trabalho, prestando relevantes serviços a tal e tão importante setor da Administração Federal entre nós.

Desapareceu aos 66 anos de idade e deixou, viúva, a professora Rucha Plastina, do Conservatório Musical bandeirante.

À exma. sra. profa. Rucha e a tãda a família Plastina os mais sinceros pêsames do São Paulo Futebol Clube.

ATLETISMO TRIANGULAR DO CHILE

(Continuação do número anterior)

TERCEIRA ETAPA — 21 DE ABRIL DE 1957

200 METROS RASOS

1.º — João Pires Sobrinho	—	Brasil	21,6/10
2.º — Jorge Machado de Barros	—	Brasil	21,7/10
3.º — Teodoro Blaschke	—		
4.º — Hugo Krauss	—	Chile	22,3/10
5.º — Pedro Marcel	—	Argentina	22,4/10
6.º — Geraldo Bonnhoff	—	Argentina	22,4/10

800 METROS RASOS

1.º — Ramon Sandoval	—	Chile	1m50,4/10
2.º — Argemiro Roque	—	Brasil	1m51,9/10
3.º — Waldo Sandoval	—		Rec. Braç.
4.º — Gilberto Miori	—	Chile	1m53,7/10
5.º — Alcides Gubitossi	—	Argentina	1m54,6/10
6.º — Odilon Dias Neto	—	Argentina	1m56,9/10
		Brasil	1m57,3/10

MEIA MARATONA

1.º — Walter Lemos	—	Argentina	1h05m13,8/10
2.º — Alfredo de Oliveira Junior	—	Brasil	1h06m04,8/10
3.º — Juan Silva	—	Chile	1h08m21,
4.º — Humberto Bianchetti	—	Argentina	1h10m21,4/10
5.º — José Elias Perez	—	Chile	1h10m44,4/10
6.º — Nelson de Souza Abreu	—	Brasil	1h13m13,

5.000 METROS RASOS

1.º — Jorge Gonzalez	—	Chile	14m50,4/10
2.º — Jayme Corrêa	—	Chile	14m53,4/10
3.º — Armando Pino	—	Argentina	15m01,4/10
4.º — José Calixto	—	Brasil	15m04,2/10
5.º — Juan Guerra	—	Argentina	15m21,6/10
6.º — Luiz Gonzaga Rodrigues	—	Brasil	15m42,4/10

110 METROS COM BARREIRAS

1.º — Francisco Bergonzoni	—	Brasil	14,8/10
2.º — Hector Henriquez	—	Chile	15,3/10
3.º — Wilson Gomes Carneiro	—	Brasil	15,3/10
4.º — Carlos Witting	—	Chile	15,4/10
5.º — Carlos Cozzi	—	Argentina	16,1/
6.º — Reinaldo Pieslinger	—	Argentina	16,5/10

SALTO TRIPLO

1.º — Adhemar Ferreira da Silva	—	Brasil	15m59
2.º — Ariel Standem	—	Chile	14m60
3.º — Jorge Castillo	—	Argentina	14m36
4.º — Arnaldo dos Santos	—	Brasil	14m29
5.º — Eugenio Munoz	—	Chile	14m18
6.º — Raul Castagnino	—	Argentina	13m73

ARREMESO DO DISCO

1.º — Gunter Kruse	—	Argentina	48m25
2.º — Herman Haddad	—	Chile	47m41
3.º — Direter Gevert	—	Chile	44m07
4.º — Nadim Severo Marreis	—	Brasil	42m05
5.º — Enrique Helf	—	Argentina	39m88
6.º — Walter da Costa Rodrigues	—	Brasil	38m43

REVEZAMENTO DE 4x400 METROS

1.º — BRASIL (Argemiro, Armando, Anubes e Ulysses)	Rec. Bras	3m15,
2.º — CHILE (Leon, Waldo, Ramon e Krause)		3m18,9/10
3.º — ARGENTINA (Becles, Heredia, Paganessi e Cabrera)		3m21,4/10

DECATLO — FINAL

1.º — Herman Figueroa	—	Chile	5.492 pontos
2.º — Oscar Bortoli	—	Argentina	5.321 pontos
3.º — Leonardo Kittsteiner	—	Chile	5.310 pontos
4.º — Aldo Ribeiro	—	Brasil	5.095 pontos
5.º — Rubens Habesch	—	Brasil	4.959 pontos
6.º — Ricardo Heber	—	Argentina	4.884 pontos

CONTAGEM FINAL

1.º LUGAR — BRASIL	—	223 PONTOS
2.º LUGAR — CHILE	—	217 PONTOS
3.º LUGAR — ARGENTINA	—	186 pontos

Conto Esportivo

TÁXI, POR FAVOR . . .

(de Milton Camargo)

Não conheço Londres, mas penso que, naquela noite, São Paulo poderia ser comparada à Capital inglesa. Densa neblina transformava as pessoas em fantasmas, irreconhecíveis a dois metros de distância. E fazia frio.

Quando a partida no Pacaembu terminou, era quase meia noite. Aliás, fôra jôgo de segunda categoria, dêsses que desanimam o torcedor. Naquele momento, só pensava numa coisa: encontrar condução que me levasse, o mais rapidamente possível, para casa. Postei-me perto do portão 16, abriguei-me sob a cobertura de cimento e fiz figa. Parece que valeu, eis que surge um carro de táxi levantado:

— Livre?

— Pode subir!

Esfreguei as mãos, feliz, acomodei-me no banco da frente ao lado do motorista, tipo italianado e idoso.

— Para onde o senhor vai?

Fiquei intimamente com piedade do homem. Mas alguém teria que me levar para casa.

— Cidade Vargas. Sabe onde fica?

— Sei.

Tive a “leve” impressão de que não ficara satisfeito com a corrida! Tentei desanuviar o ambiente e puxei conversa. Assunto de passageiro e motorista é invariavelmente o mesmo:

— Tempinho ruim, heim?

— Horrível! Não fôsse a necessidade, o apêto de todos os dias, e estaria em casa neste momento! Em todo caso, São Paulo não pode parar!

O negócio era conversar.

— O senhor não tem mêdo de trabalhar numa noite desta, fazendo corridas à meia noite para bairros distantes, como o meu?

— Mêdo tenho e muito. Principalmente, depois do que já me aconteceu!

Acertou em cheio na minha curiosidade.

— Então, já lhe aconteceu algo de ruim?

— Se contar, o senhor nem acreditará!

— Pois conte! Não tenho motivo para duvidar de sua palavra! Começou a narrar:

— Foi há três anos. Noite de sábado, 12 de junho. Jamais

me esqueci da data. O tempo estava como o de hoje, escuro assim. Meu carro era o único estacionado no ponto. Aliás, estava já pensando em ir para casa, porque era mais de meia noite e o movimento estava bastante fraco, quando alguém, que logo reconheci, aproximou-se, abriu a porta traseira do automóvel, entrou e ordenou, sem qualquer rodeio:

— Leve-me ao Cemitério da Quarta Parada!

Era Carlos, o famoso centro-avante do Liberdade. Conhecia-o de longa data, pois era meu assíduo freguês. Bom rapaz, simples, conversador. Estranhei-o naquela noite, principalmente pela direção que me dera. Fingi não entender bem e perguntei:

— Para onde?

— Cemitério da Quarta Parada!

Liguei o motor, saí e tentei entabolar conversa:

— Como é, Carlos: será que se lembrarão de seu nome para a seleção? Gostaria de ir para o selecionado, não?

— Gostaria de chegar rapidamente ao Cemitério! Apenas isto!

Deve estar “meio alto” — pensei comigo. Notei pelo espelho retrovisor que estava pálido, sem côr, como se estivesse doente. Resolvi não falar mais nada.

Parei defronte do cemitério. Carlos desceu rapidamente, disse obrigado e, quando perguntei se desejava que o esperasse, respondeu que não havia necessidade. Imediatamente desapareceu na cerração.

Virei o carro, liguei o rádio para me distrair um pouco e voltava para casa, pensando no sucedido, quando o locutor interrompeu a gravação de um tango, para anunciar emocionado:

“Atenção, ouvintes, para notícia de última hora e bastante triste para os aficionados do futebol!”

Aumentei, rápido, o volume do receptor.

“Acaba de ser assassinado, no Rio de Janeiro, onde fôra a passeio, o avante Carlos, do Liberdade desta Capital, onde gozava de muita popularidade. Ignoram-se os motivos do drama. O corpo do jogador será transportado, amanhã, para São Paulo, devendo ser sepultado no Cemitério da Quarta Parada.”

O motorista olhou-me, procurando o efeito de sua história. Deve ter percebido meu espanto. Conversamos ainda um pouco, embora não me saíssem da lembrança os detalhes da sua narrativa.

Chegamos. Dei-lhe cinquenta cruzeiros a mais do que marcava o taxímetro. Pela distância, pelo adiantado da hora e... pela história.

CARTAS RECEBIDAS

Campinas, 23 de junho.

Snr. redator

“... porque gostei imensamente daquele artigo do sr. J. P. L., estimaria que êle continuasse a escrever para Tricolor. Certas verdades devem ser ditas. A gente aguentar desaforos, calada, é uma desnor-teante atitude. Depois, êstes sujeitos despeitados contra o nosso clube, só a injetar veneno contra o conceito de decência e moralidade de nossa Diretoria, não podem continuar impunes, isto é, sem ouvir pelo menos a voz de protesto daqueles que os conhecem e os sabem inteiramente sem idoneidade moral para criticar quem quer que seja.

Uma coisa, porém, faltou no artigo em questão: devia-se declarar mesmo o nome do indesejável cronista, que tanto tem de ignorante, quanto de ousado. Eu sei que êle, certa vez, já apanhou ou esteve perto de apanhar aí, na séde tricolor, onde, aliás, êle tem uma porção de continhas no prego...

Por que Tricolor não diz isto e até não publica as tais contas, se existem de verdade? Logo, o “monstro ante-diluviano” meteria “o rabo” entre as pernas e talvez deixasse de ser tão importuno e mau.

Desculpe a maçada e espero ver nosso clube defendido com maior energia contra êsses desafetos gratuitos e mal-criados. Ass. Joel Cintra.”

Sr. Joel. O sr. tem tôda a razão, mas preferimos ver e ouvir “os cães ladra-rem, enquanto a caravana passa”.

Quanto ao despeito do inimigo gratuito de nossa agremiação, vamos dizer como



Mauro Fernandes Castro, sócio 11.604. Prepara-se para defender, mais tarde, as côres de seu clube, na cancha.

o Cristo: “Perdoai-lhe, Senhor, porque não sabe o faz.”

—//—

Apucarana, 20 de junho.

“...estou recebendo Tricolor em duplicata, se só tenho uma assinatura. Aproveito a revista para fazer propaganda, oferecendo-a a um amigo. Ass. Antônio Hegel.”

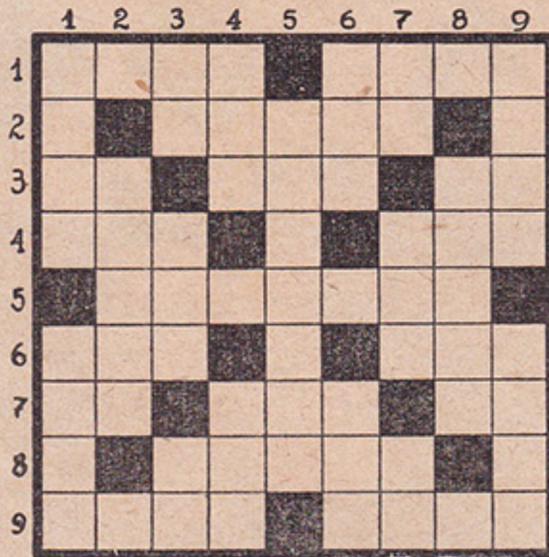
Resposta: V. S. recebe duas revistas, porque uma é da assinatura, e a outra lhe pertence, como associado. Quando vencer sua assinatura feita no número 47, V. S. não precisará mais renová-la. Isto se dará com o número 58.

A Direção.

Chutando com a cabeça

EUCLIDES ALONSO

1 — PALAVRAS CRUZADAS



Silvado Ferreira Monção

HORIZONTALS

1 — Vento brando; ligar. 2 — Fruto da amoreira. 3 — Ruim; dá aviso de alguma coisa em voz alta; invocação mística dos índios. 4 — Altar dos sacrifícios; cabana de índios. 5 — Alizara. 6 — Vencimento diário de um soldado; espécie de sapo das regiões do Amazonas. 7 — Andava; nome de mulher; o mesmo que AM. 8 — Enraivecido. 9 — Fiasco; tornar ôco.

VERTICAIS

1 — Instrumento de ataque ou defesa. 2 — Espécie de amaranto. 3 — Símbolo do rádio; vitória-régia; personalidade. 4 — Goste; a cruz onde morreu Cristo. 5 — Instrumento musical feito de barro que dá sons como os da flauta. 6 — Rema; milho torrado, que se reduz a pó... 7 — Altlá!; reza; dialeto românico, falado ao sul do rio Loire. 8 — Tornar ôco. 9 — Os ramos ou a folhagem das plantas; ligar.

—//—

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR:

PALAVRAS CRUZADAS: Horizontais: Paparicar, Ari, Are, Provas, RT, Aura, Ereo, LM, Semêam, Val, Ada, Orbicular. Verticais: Papalvo, Arrumar, Pior, LB, Vas, Rua, Erc, Sem, Ca, Real, Arreada, Retomar.

Corrente silábica: Tarifa, favila, lamoja, jalapa, parede, debate, terreno, novata.

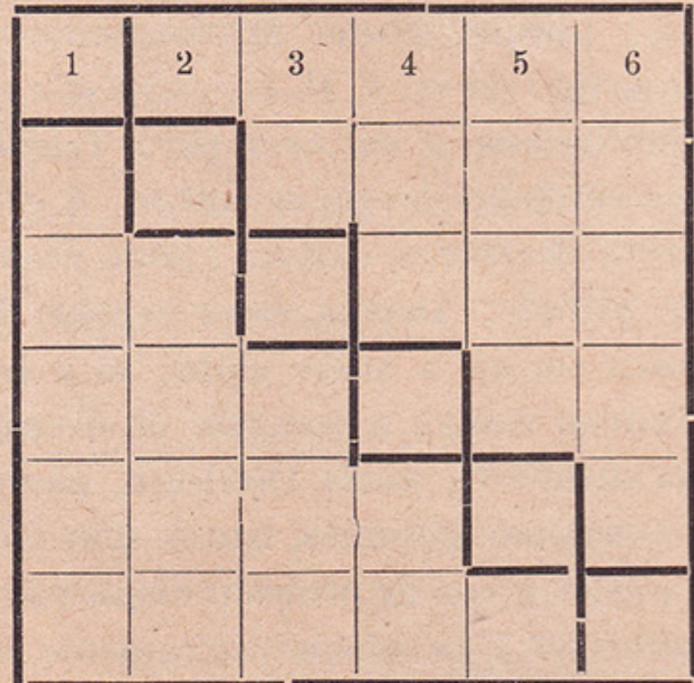
Passatempo: DE SORDI. (Dinamarca, Equador, Suécia, Colombia, Paraguai, Salvador, Brasil.)

COLABORAÇÕES:

Você pode colaborar com esta seção, enviando seus problemas diretamente à Redação desta Revista, à Av. Ipiranga, 1267, 13.º andar.

2 — QUADRÍCULOS REVELADORES

AA — CCC — DD — EEE — III — LL — M — NN — OOOOOOO — PP — RR — SS — TT.



João B. Nascimento

Para decifrar procuramos as palavras cujos sinônimos ou significados são dados nas chaves, utilizando também a letras fornecidas, colocando-as verticalmente no quadro. A resposta ao conceito aparecerá na coluna diagonal em negrito.

- 1 — Honra.
- 2 — Espécie de mandioca.
- 3 — Aquêlê que canta por profissão.
- 4 — Que tem lôdo.
- 5 — Diástase que decompõe as gorduras em glicerina e ácidos graxos.
- 6 — Que tem pouco calor.

Conceito: Gracioso, galante.

—oOo—

3 — CARTÕES DE VISITA

Qual a profissão destas pessoas?

EROS D. ARENTIN

Silvado Ferreira Monção

FINENO LOGES MOTA

Silvado Ferreira Monção

MARIO T. NENO

Silvado Ferreira Monção

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

“O CLUBE MAIS QUERIDO DA CIDADE”

Av. Ipiranga, 1267 - 13. Andar - Cx. Postal, 1901

Fone: 34-8167/8 — São Paulo

MATRÍCULA N.º INFORMAÇÃO DO ARQUIVO:

CLASSE:

A REVISTA TRICOLOR, de acordo com o ESTATUTO Social, propõe para sócio contribuinte o senhor.....

Nacionalidade..... Lugar onde nasceu.....

Idade..... Data do nascimento..... Estado civil

Residência N.º..... Fone:.....

Bairro.....

Profissão..... Onde a exerce..... Fone:

End. p. cobrança N.º..... Fone:.....

Bairro

Pagamento Mensal _____
Anual

São Paulo,..... de..... de 195.....

.....
ASSINATURA DO CANDIDATO

(Juntar 2 fotografias 3x4)

(Verifique as instruções no verso)

REVISTA TRICOLOR — ASSINATURAS

Remeto, inclusa a esta, a importância de cinquenta cruzeiros (Cr\$ 50,00), correspondente a uma assinatura anual de Tricolor, a começar do n.º.....

Estado..... Cidade

Rua..... N.º.....

Assinante.....

Paulista!

S. P. F. C.

O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
E' O TEU CLUBE, PORQUE TEM
O NOME DA TUA TERRA,
AS CORES DA TUA BANDEIRA,
E A ALMA DA TUA GENTE!

INSTRUÇÕES SÔBRE PROPOSTAS SOCIAIS

Destaque a proposta impressa na outra face desta fôlha, seguindo a linha pontilhada e a envie à Secretaria do São Paulo Futebol Clube, acompanhada de duas fotografias 3x4 e da importância correspondente à categoria social. No caso de se tratar de candidato do Interior ou de outro Estado, a proposta e a importância poderão ser remetidas pelo Correio.

INSTRUÇÕES

CAPITAL:

SÓCIOS DE PAGAMENTO ANUAL:

Maiores: Cr\$ 660,00, inclusos a carteira, o distintivo e expediente.

Menores de 18 anos, Cr\$ 360,00, também inclusos a carteira, distintivos, etc.

SÓCIOS DE PAGAMENTO MENSAL:

Maiores: Cr\$ 60,00. Menores: Cr\$ 30,00.

No ato da inscrição, todos os sócios de pagamento mensal deverão acrescentar a quantia de Cr\$ 60,00, para a carteira, o distintivo, etc.

SÓCIOS DO INTERIOR:

Êstes sócios estão enquadrados, quanto ao pagamento, na categoria dos menores, como acima.

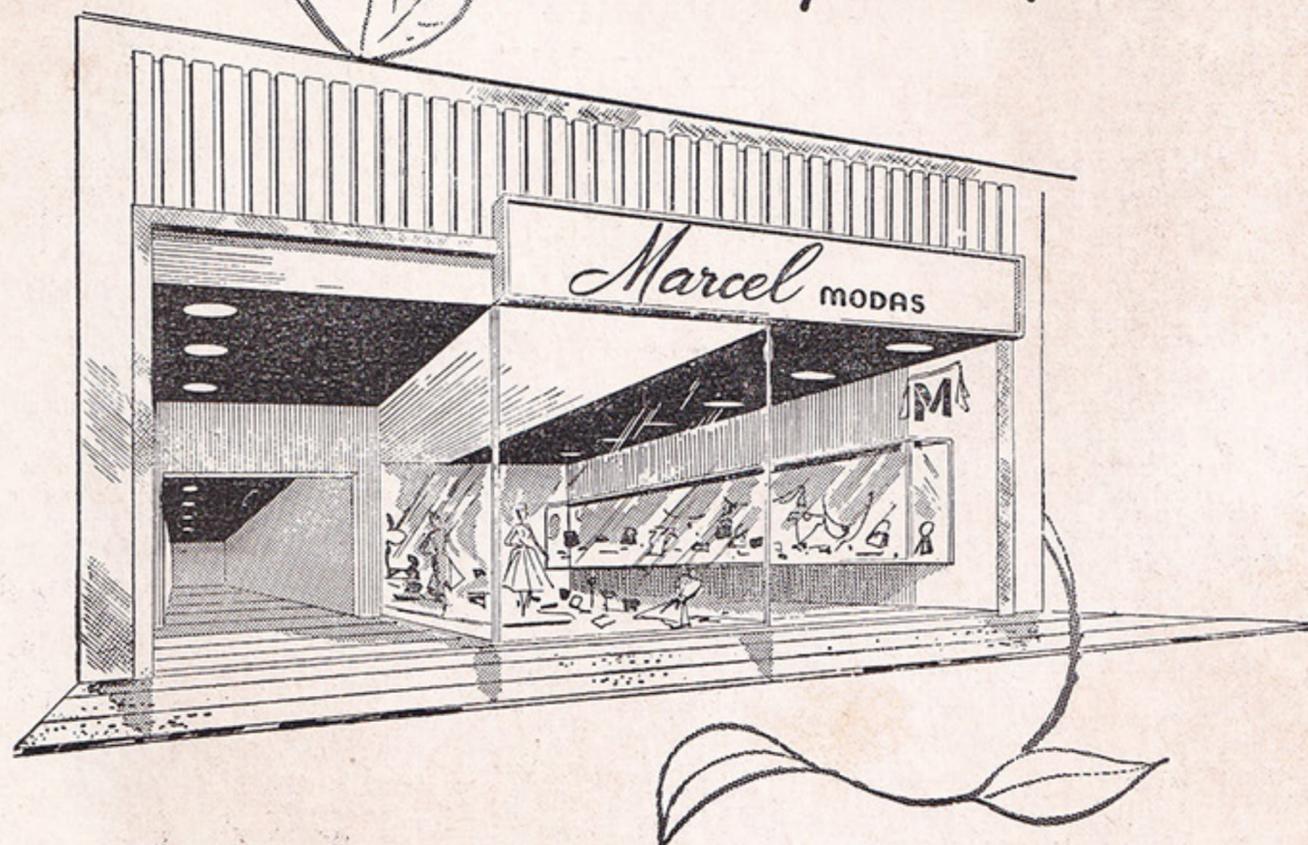
NOTA: A inscrição de sócios anuais só será feita de janeiro a março. Depois dêste prazo, serão cobrados os meses subsequentes até dezembro, só se emitindo o recibo anual, no ano seguinte.

Não há mais inscrições nas categorias de Mulheres, Militares e Universitários. Todos são contribuintes maiores, para efeito de pagamento.

*Para sua
elegância!*

Marcel MODAS
CONS. CRISPINIANO, 109

NA MODA, NO GOSTO E NO PREÇO
tem o que você procura...



Com elegância e economia, você poderá vestir-se no rigor da moda. MARCEL MODAS tem sempre em diversos modelos as últimas criações da moda em "tailleurs", "manteaux", casacos, saias, blusas, trajes esportivos - além de encantadoras lingerie, bolsas, meias e outras novidades para sua elegância. Dois amplos salões com tudo para você escolher e ser bem-servida.

Visite a moderníssima loja MARCEL, instalada para seu bom-gosto, elegância e economia.

**Compre pelo CREDIMAR—
o crédito mais fácil da
cidade. Seu crédito é
aberto na hora.**



CONS. CRISPINIANO, 109 ★ DIREITA, 144

panam - casa de amigos

Imprimiu BRUSCO & CIA. - Rua L. Gama, 764 - Tel.: 33-7200



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ